

# **PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E EXCLUSÃO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA VISÃO DOS ALUNOS DE ESCOLAS PARTICULARES.**

Cristiane Pereira de Souza, Irene Conceição Andrade Rangel, Camila Roberta Molina da Silva. - Subárea Educação Física - Curso: Bacharelado em Educação Física - Departamento de Educação Física - Instituto de Biociências - Campus Rio Claro.

A Educação Física Escolar deixou de ser uma mera ginástica e um mero momento de lazer, e se tornou uma disciplina importante para desenvolver a integração e cooperação dos alunos, pois estes entram em maior contato com seus colegas, e não apenas contato físico, mas também contatos sociais. É neste ambiente tão rico de movimentos e contatos que os alunos irão passar por situações de discriminações, preconceitos e exclusões, caso não haja manifestações por meio da educação de acabar com estas antes mesmo que surjam.

Existem pesquisadores como Aquino (1998) que entendem que o papel da escola é fazer que todos sejam tratados sem discriminação, justamente por possuírem diferenças que devem ser respeitadas. Assim como Eliane Cavalheiro (2001) que discute situações de preconceito, discriminação e racismo na Educação Infantil. Eles tentam explicar e combater tais situações utilizando-se dos professores, já que estes são os que, provavelmente, irão esclarecer as crianças e os adolescentes sobre vários assuntos, entre eles a discriminação e o preconceito. Uma publicação interessante, que discutiu a questão da discriminação contra os portadores de necessidades especiais foi veiculada na Revista Nova Escola (JOVER, 1999), mostrando como a discriminação pode ocorrer por falta de informação.

As características físicas dos sujeitos, na maioria das vezes, é um elemento que caracteriza o preconceito, principalmente na escola, local onde as crianças estabelecem diferentes e intensos tipos de relações. As diferenças entre os alunos podem, por exemplo, promover um preconceito, muito visto na escola que se traduz em forma de apelidos. Esses apelidos referem-se, geralmente, às características físicas das pessoas e é encontrado em várias formas: “rolha de poço”, “azeitona no palito”, “nanico”, “criolo doido”, “quatro olho” etc. (AMARAL, 1998).

A partir disso percebe-se que a diferença física faz com que as pessoas sofram preconceitos e discriminações. Isso se dá pela maneira com que a sociedade trata o diferente. O que é semelhante é muito mais aceito pelas pessoas pelas questões de afinidade e padronização, principalmente se essa semelhança se encaixar nos moldes impostos pela sociedade, mesmo que esses moldes não estejam presentes na maioria da sociedade, como o que acontece, por exemplo, com o referencial de beleza brasileiro que não se encaixa nos moldes Europeus. Se um indivíduo se afasta muito da média desses padrões, é considerado diferente, e o diferente muitas vezes é tido como uma anomalia na sociedade e, o que é anormal, é excluído e discriminado. Para minimizar o preconceito do diferente busca-se igualar o “anormal” com padrões aceitos pela sociedade através da contraposição, exemplo disto, é visto quando se diz: “a pessoa pode ser negra, porém é religiosa”; “é deficiente físico, mas é um herói”; “ele é gordo, mas joga muito bem futebol” (AMARAL, 1998).

Felizmente existem pesquisadores no Brasil que vão contra esta característica social que é a de fechar os olhos e dizer que no país não existe nenhum preconceito (BORGES, MEDEIROS, ADESKY, 2002; JOVER, 1999; SANTOS, 2003; SILVA, 2003); eles estudam o tema, tentando levantar o maior número de dados possíveis, para descobrir uma maneira de solucionar este problema. Mesmo existindo aqueles que querem que a vida continue igual, outros procuram “abrir” os olhos e a mente da sociedade para descobrir uma maneira de combater o preconceito, a discriminação e a exclusão, que em muitos casos são os responsáveis por essa violência em que vivemos, e um dos motivos que não deixa o país se desenvolver.

Os pesquisadores desenvolvem ótimos trabalhos nesta área, porém, não é fácil estudar um assunto tão amplo, o que faz com que no geral encontremos um número até que razoável

# **PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E EXCLUSÃO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA VISÃO DOS ALUNOS DE ESCOLAS PARTICULARES.**

Cristiane Pereira de Souza, Irene Conceição Andrade Rangel, Camila Roberta Molina da Silva. - Subárea Educação Física - Curso: Bacharelado em Educação Física - Departamento de Educação Física - Instituto de Biociências - Campus Rio Claro.

do Ensino Médio de escolas particulares, verificando assim, se os tipos de preconceitos são os mesmos e se estes aumentam ou diminuem com o passar das séries. Além disso, também procuramos verificar situações de interferência ou não dos professores em relação a possíveis situações de preconceito, discriminação ou exclusão.

Foi utilizada a metodologia qualitativa, através da observação das ações dos sujeitos, alunos e professores (ANDRÉ, 1995). Foram anotadas em caderno de campo as possíveis formas de preconceito e discriminação que poderiam ser representadas por apelidos, brincadeiras com cunho preconceituoso, falas e/ou exclusões temporárias ou parciais das atividades, bem como as reações dos professores. Como segunda forma de coleta de dados foi realizada uma entrevista com alunos escolhidos aleatoriamente.

A pesquisa contou ao todo com a participação de 98 alunos, distribuídos em duas escolas particulares, sendo em cada uma delas pesquisadas uma classe de 4ª série e uma classe de 8ª série do Ensino Fundamental. As escolas foram escolhidas de acordo com a autorização das mesmas para a realização da pesquisa. As duas escolas particulares estão localizadas na cidade de Rio Claro - SP.

Do total de alunos pesquisados, 42 alunos responderam ao questionário, esse número de respondentes deve-se ao livre arbítrio que os alunos tiveram de responder ou não as questões.

Analisando as respostas dos questionários conseguimos obter que em ambas as séries (4ª e 8ª) 38% dos alunos já foram e/ ou sentiram-se excluídos. O que novamente comprova que existe exclusão nas aulas de Educação Física escolar, mas a porcentagem de alunos que não foram excluídos continua maior em ambas as séries. Esses dados não confirmam a hipótese de que com o passar das séries a exclusão aumenta, mas demonstra que existe um nivelamento, que pode ocorrer devido a vários fatores, pois os alunos aprendem e demonstram valores diferentes ao longo da vida e estes podem permanecer ou perder seu valor a qualquer momento desta caminhada do desenvolvimento.

Quando fazemos a esse aluno uma questão perguntando se ele viu algum colega ser excluído, a situação muda na 4ª série, 71% e na 8ª série, 72% dos alunos já viram algum colega ser excluído. Com isso, verificamos que ocorre um aumento um pouco crescente na percepção sobre a exclusão dos alunos com o passar das séries. Com essas informações conseguimos identificar por meio do questionário e em alguns casos observados também, alguns dos vários fatores (motivos) que poderiam levar a essa exclusão.

Concluimos que embora o estudo tenha tido limitações, o mesmo nos permite chegar a algumas conclusões interessantes e que merecem outros estudos, caracterizando-se como um estudo preliminar em assuntos tão perturbadores quanto o preconceito, a discriminação e a exclusão.

Observamos neste estudo que as aulas de Educação Física estão pouco valorizadas nas escolas, principalmente quando se trata do Ensino Médio de escolas particulares. Isso foi perceptível através da dificuldade de se encontrar escolas que tenham aulas de Educação Física para o terceiro ano deste nível de ensino. O fato das escolas não oferecerem aulas desta disciplina faz com que os alunos percam o interesse pelas aulas de Educação Física. Isto dificultou a análise dos alunos no final de todos os ciclos escolares.

Outro ponto observável foi o das escolas particulares se mostrarem desatentas ao fato de que existem preconceitos e discriminações nas aulas, principalmente nas aulas de Educação Física.

# **PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E EXCLUSÃO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA VISÃO DOS ALUNOS DE ESCOLAS PARTICULARES.**

Cristiane Pereira de Souza, Irene Conceição Andrade Rangel, Camila Roberta Molina da Silva. - Subárea Educação Física - Curso: Bacharelado em Educação Física - Departamento de Educação Física - Instituto de Biociências - Campus Rio Claro.

Por outro lado, de acordo com os questionários analisados, os alunos das escolas particulares demonstram poucos discursos com expressões preconceituosas, quando comparados com os alunos das escolas estaduais. Isso supostamente dá-se pelo fato da educação nas escolas de caráter particular estar afinada com base nos conceitos de cidadania. Este discurso também pode ser observado em grande parte da população, onde os meios de comunicação veiculam a todo o momento a idéia utópica de respeito ao próximo diferente, sabendo que na, prática, a propagação do preconceito acontece por via das diferenças. Em diversos eventos como fóruns, congressos, encontros etc. são discutidos, analisados e detectados os preconceitos. Porém, na maioria das vezes esta prática não vai além das teorias.

Notamos também que com o passar das séries os alunos se tornam mais ríspidos no tratamento um com os outros, mostrando que a intensidade com que os alunos lidam com o preconceito aumenta com o passar dos anos.

Outra forma de exclusão observada foi a auto-exclusão. Esta geralmente acontece pelo fato dos alunos não quererem receber apelidos pejorativos dos colegas de classe, principalmente se eles se relacionarem às suas características físicas, excluindo-se das aulas. Esses tipos de apelidos são geralmente dados durante as aulas de Educação Física devido a grande exibição do corpo nas aulas.

A maneira aonde mais se observou exclusão dos alunos nas aulas, quando também o preconceito se dá através de comentários irônicos dos alunos, foi a falta de habilidade. Nessa situação os próprios alunos excluem os menos habilidosos durante as atividades. A habilidade promove status perante os outros alunos, logo, os mais habilidosos buscam, na maioria das vezes, a competitividade. O fato de um menos habilidoso atrapalhar o andamento do jogo, tornando-o mais lento, menos dinâmico e podendo fazer o seu time não alcançar a vitória faz com que seus colegas o excluam da atividade.

Entrando na discussão sobre gênero e obesidade foi facilmente observado durante as aulas de Educação Física, o quanto as meninas são normalmente excluídas e os obesos expostos. Geralmente os meninos ocupam o maior espaço e tempo das aulas de Educação Física e os obesos possuem limitações em suas participações.

Em algumas situações observadas os professores amenizaram as expressões preconceituosas ditas pelos alunos, em outras, eles apenas dão “bronca”, porém em nenhum momento foi proposto, pelo professor, algum tipo de discussão com os alunos sobre esse assunto. Em alguns comentários fica implícito que a opinião dos professores é a mesma dos alunos, reproduzindo assim as atitudes da maior parte da sociedade.

A escola é geralmente o local onde se dá o primeiro contato das crianças com os conflitos das diferenças. Neste momento as crianças saem dos limites familiares e se deparam com as divergências culturais do contexto social no qual elas estão inseridas. Essas diferenças do contexto social têm embasamento na relação socioeconômica, étnica e midiática e se deparam com os padrões educacionais aprendidos dentro do ambiente familiar das crianças.

Os professores não estão preparados para lidar com as ações preconceituosas dos alunos, visto que eles talvez possuam algum tipo de preconceito, ou nunca tenham pensado no assunto, o que torna mais difícil a discussão com os alunos na sala de aula. A falta de discussões e esclarecimentos pode fazer que os alunos preconceituosos nunca percebam suas ações. Partindo desse princípio o preconceito pode se manifestar através de satirizações sendo facilmente justificado por meio da brincadeira.

# **PRECONCEITO, DISCRIMINAÇÃO E EXCLUSÃO EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA VISÃO DOS ALUNOS DE ESCOLAS PARTICULARES.**

Cristiane Pereira de Souza, Irene Conceição Andrade Rangel, Camila Roberta Molina da Silva. - Subárea Educação Física - Curso: Bacharelado em Educação Física - Departamento de Educação Física - Instituto de Biociências - Campus Rio Claro.

O preconceito pode ser visto de forma naturalizada e as ações que o acompanham pode transformar a auto-estima de um aluno, traumatizando-o para sempre. Assim, estudos mais profundos sobre o assunto devem ser realizados, para que possamos apagar o fantasma da discriminação e exclusão das aulas de Educação Física.

## **Referencias Bibliográficas**

AMARAL, L.A. Sobre crocodilos e avestruzes: falando de diferenças físicas, preconceitos e sua superação. In: AQUINO, J.G. (Orgs). **Diferenças e preconceito na escola**: alternativas teóricas e praticas. São Paulo: Summus, 1998.

ANDRÉ, M. E. D. A. de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 1995.

AQUINO, J. G. Ética na escola: a diferença que faz diferença In: AQUINO, J.G.(org.). **Diferença e preconceito na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

BORGES, E.; MEDEIROS, C. A.; ADESKY, J. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2002.

CAVALHEIRO, E. (org.) **Racismo e anti-racismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Summus/ Selo Negro, 2001.

JOVER, A. Inclusão: qualidade para todos. **Revista Nova Escola**, no. 123, p. 8-17, 1999.

SANTOS, I. A. **Educação para todos ou nem “um” a menos**: a inclusão da temática racial no cotidiano escolar In: **Caderno temático de formação I**. Secretaria Municipal de Educação, 2003

SILVA, S. J. Educação pública: identidades em movimento. In: **Caderno Temático de Formação I**. São Paulo: SME/ ATP/ DOT, p. 30-35, 2003.